



Prometeu carregando o fogo roubado

Águia devorando o fígado de Prometeu

Pandora abrindo a caixa

De mito em mito¹

Elicim Fidelis²

De tragédia em tragédia e de mito em mito, vamos navegando pelas questões da psicanálise - desde Hesíodo, Sófocles e Ésquilo.

Em Jornadinha anterior, falei da maldição edípica decorrente da herança geracional da dinastia dos labdácidas. O rei Lábdaco, terceiro rei de Tebas, nasceu de Polidoro, que nasceu de Cadmo. Polidoro é o pai de nosso conhecido Laio, cuja ascendência conturbada teve continuidade a jusante em Édipo, respingando em Antígona, Eteocles, Ismênia e Polinice.

E para permanecer no campo da mitologia grega, gostaria, agora, de trazer à discussão o fato de que pensadores da teoria psicanalítica da atualidade têm sugerido aproximações, ou mesmo a substituição do mito de Édipo pelo mito de Prometeu, o qual estaria melhor condizente com a natureza dos laços sociais contemporâneos. (Aqui mesmo, em nossa última Jornada, o Dr. Melman mencionou essa questão).

Prometeu é filho de Jápeto, que nasceu de uma relação incestuosa entre Urano e Gaia. São seus irmãos: Atlas, Epimeteu e Menoécio. Prometeu é, então, um titã da segunda geração, gerado durante o reinado de Cronos (Cronos é aquele que aparece devorando os filhos, na capa do Seminário 4, de Lacan).

O mito de Prometeu é mais conhecido pelo episódio do roubo do fogo dos deuses para entregar aos humanos, e os castigos estabelecidos por Zeus. Aparentemente, tudo começou por incompetência de Epimeteu, que, como vimos, é irmão de Prometeu. Havia chegado a hora de prover a terra de seres mortais. Surgiram os animais. Depois surgiram os homens, só homens, sem as mulheres - eis aí a primeira semente do patriarcado machista.

Epimeteu foi encarregado por Zeus para distribuir os atributos naturais entre os seres mortais. O que fez ele? Deu aos animais os dons próprios para defender-se da natureza: unhas,

¹ Trabalho apresentado na Jornadinha do Espaço Moebius Psicanálise realizada em 18/03/2023, Salvador-BA.

² Elicim Fidelis é psicanalista e escritor, membro do Espaço Moebius Psicanálise.

asas, garras e carapaças para uns; e a outros deu força, coragem, rapidez e sagacidade. Esqueceu-se, porém, do homem, deixando-o entregue ao desamparo, sem armas para enfrentar a dureza da vida na terra. Por esse motivo, Prometeu, o protetor da humanidade, procurou compensar o vacilo do irmão, roubando o fogo dos deuses para contemplar o ser humano. Zeus urrou de ódio, e ficou de olho em Prometeu.

Mas Prometeu sempre aprontava motivos para desafiar e provocar a ira do poderoso Zeus. Vejamos. Um dia, os deuses reuniram-se no monte das Papoulas. Era o lugar preferido, talvez para facilitar a extração do ópio. Fizeram ali uma cerimônia, tipo um banquete totêmico, para promover a paz entre mortais e imortais. Nessa ocasião, Prometeu separou as oferendas de forma distinta: separou de um lado os ossos e os cobriu com uma gordurinha reluzente que fazia salivar os amantes do churrasco. Na outra oferenda, ele escondeu toda a carne maciça por baixo do couro bovino. Zeus escolheu a parte da gordurinha saborosa, mas quando descobriu a ossada escondida ficou furioso, e, como vingança, trouxe de volta o fogo que estava em poder dos humanos.

Novamente o teimoso Prometeu roubou o fogo e o devolveu à humanidade. Enfurecido, Zeus fez uma dupla vingança: providenciou para que Prometeu fosse acorrentado no monte Cáucaso, onde diariamente um abutre lhe devorava o fígado. Para os humanos, que viviam sossegados na terra, se virando para comer e para se defender, e usufruindo do objeto roubado com que fora presenteado, Zeus resolveu castigá-los de forma disfarçada. Chamou Hefesto e disse:

- Quero que invente um ser ainda inexistente na terra: uma mulher que será chamada Pandora. Capriche, Hefesto, pois será um presente especial para o homem!

Antes de ser enviada à terra, Pandora foi encaminhada ao Olimpo para ser ornamentada no capricho. Afrodite derramou-lhe a beleza; Atena lhe deu destreza manual; Mercúrio lhe fez persuasiva; Poseidon lhe ensinou a nadar e Apolo a cantar. Depois apareceu Hera (a velha cúmplice de Zeus) e lhe injetou boas doses de curiosidade e malícia, além de lhe passar todos os bizus inerentes à feminilidade. Pandora saiu do Olimpo deslumbrante. Antes de sair, talvez Zeus tenha lhe cochichado algo assim:

- Pandora, você precisa fazer jus à confiança dos deuses. Como prova, leve esse jarro consigo, mas ele não pode jamais ser aberto. Agora siga viagem. Vá lá apagar o fogo daquela galera machista! Procure, antes, o Epimeteu e lembre a ele sobre o jarro.

E ela seguiu.

O primeiro a encantar-se por Pandora foi o próprio Epimeteu. Novamente, o irmão tentou evitar que ele recebesse o “presente de grego”, mas Epimeteu não deu ouvidos, apenas recomendou a Pandora que não mexesse no jarro. Era mais uma mancada de Epimeteu. Lá pelas tantas, Pandora não conseguiu segurar a curiosidade e abriu o jarro, onde “nem tudo são flores”. Dele, sem que ela pudesse evitar, escapuliram os males que afligem a humanidade: doenças, guerras, pragas, ganância, ciúme, inveja, violência. Quando Pandora se lembrou que havia

cometido o erro, fechou de vez o jarro, conseguindo evitar que dele saísse o mal pior de todos - aquele que mata a esperança.

Mas, até aqui, o que liga o mito prometeico à psicanálise? Por que ele seria mais apropriado em comparação ao Édipo?

Na certa não é apenas pela possibilidade de uso da primeira forma de energia natural surgida no Paleolítico, quando o *Homo Erectus* descobriu que uma fricção entre duas pedras produzia faíscas promissoras, trazendo a possibilidade de o homem produzir ferramentas e armas para as guerras.

Sabemos que a questão da aquisição humana do controle sobre fogo foi um tema de interesse de Freud para teorizar sobre a enurese, o falo e o desejo; ele trata do assunto na análise de sonhos, no caso Dora e do homem dos lobos. E em um texto de 1932, denominado *A aquisição e o controle do fogo* (Vol. XXII), ele trabalha com o mito de Prometeu, onde levanta questões sobre a forma como o fogo foi trazido para os homens – roubado e transportado escondido dentro de um caule oco e ereto – que Freud vai aproximar simbolicamente à forma de um pênis, acrescentando que aquilo que o homem contém no seu tubo-pênis não é o fogo, mas, ao contrário, é o meio de *apagar* o fogo, que é a água do seu jato de urina.

No mesmo texto Freud explica porque o fígado foi o órgão do corpo escolhido como o local do castigo – é que em épocas primitivas o fígado era considerado a sede das paixões e desejos, e conclui dizendo que se o fígado é a sede da paixão, sua importância simbólica é a mesma que a do fogo, e que o fato de ser diariamente devorado e renovado é similar ao que ocorre com os desejos eróticos que, mesmo satisfeitos todos os dias, também revivem todos os dias.

Seriam os acréscimos freudianas suficientes para desbancar o Édipo em favor do mito de Prometeu?

Vejamos, antes, o que pode ser acrescentado por Ésquilo em sua versão do mesmo mito. Em *Prometeu Acorrentado*, ele diz que antes do episódio do roubo do fogo Prometeu teria desempenhado papel importante na luta que Zeus travou com Cronos para libertar seus irmãos, na chamada guerra dos titãs.³ Por isso, para Ésquilo os castigos aplicados por Zeus a Prometeu são vistos como exagerados, além de ser uma brutal traição. Assim, enquanto Hesíodo considera Zeus o soberano absoluto, sábio e justo; e trata Prometeu como culpado e desobediente; Ésquilo o acusa de tirano, perverso e cruel, e atribui a Prometeu o lugar de benfeitor da humanidade.

³ A Titanomaquia, na mitologia grega, foi a guerra liderada por Cronos contra os deuses olímpicos, liderados por Zeus. Zeus conseguiu vencer Cronos em uma luta que durou dez anos, após resgatar seus irmãos devorados por Cronos.

Mas em qualquer das versões o que vemos é um Prometeu rebelde que desafiava repetidamente a autoridade do poderoso Zeus, o que nos mostra também que a carência paterna não é algo da modernidade como se pensa, mas sua semente está plantada desde sempre.

Finalmente, vamos recorrer à literatura em busca de mais luzes para a questão.

Em um poema de 1776, Goethe descreve Prometeu como um ser corajoso que, como ato de rebeldia, nega-se a venerar os deuses. Segue um fragmento do poema:

Encobre o teu Céu ó Zeus com nebuloso véu e, (...)

...deixa que eu desfrute a Terra, que é minha,

tanto quanto esta cabana que habito e que não é obra tua

e também minha lareira que, quando arde, sua labareda me doura.

Tu me invejas!. (...)

Também Albert Camus, em *O homem revoltado*, ressalta a rebeldia de Prometeu e o caracteriza como o modelo da revolta personificada. Ele traz ainda em sua obra outro personagem mitológico, tão rebelde quanto Prometeu. Sísifo foi condenado por Zeus a rolar uma pedra montanha acima, sabendo muito bem que a lei da gravidade a impulsionaria de volta. Camus vai relacionar a mitologia com a realidade contemporânea, comparando o castigo desse personagem às tarefas exercidas pelo trabalhador, no sistema capitalista: repetitivas e cansativas, nas quais o trabalhador não vê sentido, mas não pode deixar de fazer, por questão de sobrevivência.



Sísifo carregando a pedra

Enfim, ao que parece, a sociedade moderna põe à prova o homem, incitando-o a resgatar aquilo que Prometeu representa de transgressão frente à condição à qual, como Sísifo, foi condenado a carregar pedras nos ombros ou pelo caminho, e seguir sem rumo esperneando, tropeçando ou dando voltas, como o homem dos ratos.

Assim, no que se refere ao homem contemporâneo, poderíamos imaginar três possibilidades de reaver a esperança: a) aguardar deitado em berço esplêndido que o grande Outro, que não existe, lhe traga de mão beijada; b) apoiar-se nos exemplos de Prometeu e Sísifo, e agir por impulso quebrando o jarro de Pandora; c) buscar uma psicanálise visando construir um saber fazer esperança advertido, nesse último caso sem menosprezar o Édipo, de Freud a Lacan.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2023.

FREUD, S. *A aquisição e o controle do fogo* (1932). Vol. XXII

QUINET, Antonio e HARVAT, Patrícia. Trechos de: *Prometeu entre dois mitos: tragédia e psicanálise* (disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/phoenix/article/view/33514/18829>, pesquisa em 22/02/2023).